



A FIXAÇÃO DE UM HOMEM POR UMA MULHER: UMA INTERPRETAÇÃO DO CONTO *MODO DE APANHAR PÁSSAROS À MÃO* DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Joseane dos Santos Costa; Mayra Lira da Costa; Claudenice da Silva Souza; Livramento Fernanda de Lima Araújo; Prof^ª. Dr^ª. Josilene Pinheiro-Mariz

Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO: Em nossa sociedade, mesmo após tantas conquistas, o espaço reservado à mulher ainda não é suficiente para permiti-la ser respeitada quanto as suas opiniões e decisões quanto a sua escolha profissional ou como utiliza seu próprio corpo. O ser feminino ainda é estereotipado para ser mãe, dona-de-casa e esposa dedicada. Não pode dizer 'não' a um homem ou terminar uma relação amorosa, sem muitas vezes, ter que pagar com sua própria vida. A obsessão de muitos homens culmina por não permitir que a mulher tenha sua vida e suas escolhas de acordo com aquilo que acredita, suas crenças e seus valores. O presente trabalho tem como objetivo perceber como a mulher é marcada diante de nossa sociedade, o lugar 'correto' que deve ser ocupado, atitudes e posições que ela deve ocupar no contexto em que vive contrapondo-se com a independência que tenta alcançar perante nossa sociedade machista e patriarcal.

Palavras-chave: Mulher, sociedade, machismo, independência.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo marcado por estereótipos e pressupostos que se dirigem a quase todos os tipos de grupos sociais, que abrangem desde vestimentas, condições financeiras, sexualidade e gêneros. Em relação a este último grupo, a compreensão muito generalizada e preconcebida de homens e mulheres sempre colocou os homens em uma posição privilegiada, detentores do poder sobre quase tudo, principalmente no tocante a questões políticas, bem como o lugar de

destaque que ocupam na "instituição família" sendo seu principal provedor. Enquanto às mulheres eram delegadas os papéis de donas de casa, esposas submissas e mães exemplares.

A nossa sociedade ainda é notadamente preconceituosa e patriarcal no tocante ao papel da mulher. Em especial quando mencionamos as transformações sociais, econômicas, políticas e urbanas que aconteceram na Europa a partir do século XIX, com a ascensão e consolidação da



burguesia, percebemos que essas transformações também ocorreram na sociedade brasileira - embora tenham acontecido de forma tardia - e em especial, na consolidação dos discursos para com o papel das mulheres nessa sociedade.

Dentro dessa percepção de transformações e reformas nas cidades a partir do século XIX, percebemos também mudanças nos costumes e nas sociabilidades entre as pessoas. Destaque merece a condição feminina também a partir dessa época já que, as mulheres passam a ter certa importância dentro dessa sociedade porque vai ser ela que vai gerar e educar os filhos que constituirão o futuro daquela mesma sociedade (NASCIMENTO, 2008).

Mulheres essas que terão suas vidas e seus corpos controlados por uma sociedade machista que acredita poder ter esse controle e exclui ou rejeita aquele modelo de mulher que não condiz com a perfeição presente nessa mesma sociedade. Essa, é permeada de contradições e preconceitos, demonstra aceitar e compreender as diferenças existentes entre as pessoas que a formam, desde seu gênero ou sua escolha sexual.

Contudo, nosso cotidiano demonstra que existem diferenças, especialmente entre homens e mulheres, e que elas não são respeitadas quando um homem não aceita um

‘não’ de uma mulher ou quando ela não pode se apresentar nas ruas da forma que bem entende. A mulher é alvo de políticas que sempre visam controlar seus comportamentos e suas vidas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As mulheres que não se encaixavam nas descrições de submissas, meigas e recatadas eram chamadas de prostitutas, mulheres "pobres de espírito", e como tal, eram inconsequentes, fúteis, moralmente insensíveis, atrevidas, egoístas, vaidosas, sem vergonha, sentiam gosto pelo prazer imediato e pela notoriedade. (LOMBROSO, 1896 apud NASCIMENTO, 2008). A partir da explanação do autor, vemos como aquelas mulheres que não aceitavam a ordem social vigente eram consideradas.

Os julgamentos que são direcionados às mulheres, em muitos casos, chegam a ser cruéis. Não importa o que aconteça, se elas foram violentadas e agredidas, ainda assim, existirão aqueles que erguerão o dedo e afirmarão que a culpa é um “pouco” dela, porque mostrou o corpo demais, exibindo-se, e o homem, que “não é de ferro”, acabou tendo os seus extintos despertados. No Brasil, até meados do século XX, ao se julgar um crime de defloração, levava-se em



consideração também a “conduta moral” da mulher. Segundo Abreu (1889, p. 41 apud NASCIMENTO, 2008), em um caso como esse

emergiam os valores sociais mais amplos da sociedade, pois era também na quebra de outras normas morais e sociais que se determinava a absolvição ou condenação do réu. Ou seja, a conduta moral do indivíduo é que iria ou não, redimi-lo do crime, não estava em pauta apenas o que havia sido feito, mas aquilo que o acusado e a ofendida eram, poderiam ser ou seriam.

É assustador ver como as mulheres eram desconsideradas, ainda em casos como de estupro, no qual os traumas psicológicos e emocionais são incrustados na alma das mulheres, sem mencionar as marcas que afloram fisicamente, claro. Posicionamentos retrógrados como esses, ainda “ecoam” na sociedade de hoje, os discursos mudaram, mas os pensamentos e as atitudes de alguns indivíduos não sofreram as alterações necessárias.

Difícilmente, as mulheres que andam

nas ruas durante a madrugada estão em paz consigo mesmas. Destemidas em relação ao que encontrarão em seus caminhos, carregam consigo o medo não somente de assaltos, mas de terem o próprio corpo atacado. Assim, elas enfrentam diferentes tipos de abusos ao longo de suas vidas, e por que não dizer, diariamente, desde o momento que saem de casa para trabalhar e, ao pegarem um ônibus ou metrô, são ofendidas, apalpadas por indivíduos que acreditam que, por estarem vestidas de forma chamativa, querem ser tratadas de tal forma abusiva.

Por isso, famílias que defendem “a moral e os bons costumes”, desde cedo ensinam às suas filhas a se comportarem adequadamente e a se vestirem “como uma mulher de respeito”, recomendando que evitem roupas muito decotadas e vulgares, e principalmente a “preservarem seu corpo e sua honra”, como afirma NASCIMENTO (2008, p.53-54):

A mulher desvirginada ou deflorada perdia a sua “honra”, ou melhor, manchava a honra da família, tornando-se além de “anormal” e inabilitada para o casamento, uma vergonha para o lar. Daí a ideia de “lavar a honra com sangue”, matando o



“malfeitor”. Com o tutelamento da mulher através da justiça “moderna”, esse crime passava a ser punido nos “rigores da lei” e não com as “próprias mãos”, numa clara identificação da justiça com os valores modernos e na tentativa desta de moralizar e disciplinar os costumes. (Grifos do autor)

Desta forma, notamos mais uma vez que a sociedade impõe regras em relação ao comportamento, bem como ao corpo da mulher, e assim, ela sempre vai está “cercada” por “protetores”, da infância à adolescência pela figura patriarcal, representada por seu pai, ou talvez um irmão mais velho, e na fase adulta, passará aos cuidados de seu marido. De uma forma ou de outra ela estará submetendo-se às vontades de ambos para evitar confrontos, até porque, na maioria das vezes, sairá em desvantagem.

Percebemos assim, que são muitas as regras para “moldar” o comportamento das mulheres, em todas as fases de suas vidas e, em sua maioria, ditam o que elas devem fazer com seus próprios corpos. No entanto, os homens vivem desregradamente, aprendendo desde cedo, que as mulheres nasceram para lhes servir. Quando sentem fome, a irmãzinha

irá lhe preparar algo para comer, pois sabem cozinhar; se querem sair, a mãe irá lhes passar uma roupa.

Assim, não haverá mudanças enquanto a sociedade não “acordar” e tentar romper permanentemente com os posicionamentos preconceituosos que lhe circundam. Desta forma, faz-se necessário que a sociedade reconheça que, de fato, a única diferença entre homens e mulheres refere-se às questões biológicas - os homens são fisicamente mais resistentes que as mulheres. Ademais, ambos têm as mesmas capacidades, principalmente de raciocínio, podendo decidir o que é melhor para si. Sendo assim, as mulheres merecem, de fato, ser respeitadas por todos os que constituem a sociedade na qual ela está inserida.

Uma interpretação de um obcecado homem e uma receita para apanhar a mulher desejada

Analisamos o conto *Modo de Apanhar pássaros à mão* buscando compreender as personagens da narrativa, que se desenvolvem a partir de uma relação conturbada e compulsória entre os dois personagens centrais. Um deles, uma modelo, que é descrita por seu admirador como uma mulher que gostava de se exibir e fazer pose, Íbis, e o outro, um homem que nutre uma profunda



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

atração por ela desde que a viu, "um desejo que se sobrepunha a todos os outros" (REZENDE, 2006.) e que só aumentava por conviverem muito tempo juntos no mesmo ambiente de trabalho, já que ele era fotógrafo.

No entanto, em suas tentativas de aproximação, Íbis sempre lhe dava as costas, fazendo com que ele se sentisse humilhado, e que chegasse ao ponto de pensar em cometer uma loucura. A partir desse fato, percebemos a dificuldade que alguns homens têm de lidar com a rejeição, ou não serem correspondidos por alguma mulher, pois, para muitos, elas têm de ser receptivas, dóceis, passivas, como nos aponta Nascimento (2008), ao dizer que a mulher considerada normal seria aquela naturalmente inferior física e mentalmente, emotiva e facilmente ludibriada.

Desde o início do conto, o personagem demonstra um grande querer em relação à moça, a julgar pelo modo delicado de falar da nudez. Ela despira-se ajudada por ele porque estava tonta - com certeza porque ele lhe deu algo para beber, talvez para facilitar o "trabalho". Porém, ele justifica "mas ela consentiu claramente consentiu consentiu queria também foi a bênção a consagração esse consentimento o desejo dela a entrega" (REZENDE, 2008, p. 36).

Pensamentos como estes são frutos de uma sociedade em que os pais não educam

seus filhos da mesma forma. Os homens desde cedo têm liberdade para frequentar todos os lugares, já às mulheres são impostas inúmeras regras a fim de serem bem quistas pela sociedade, para preservarem seu nome e sua honra. Diante de tudo isso, nos resta citar Adichie (2008, p. 37): "meninos e meninas são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças". Tanto exagera como exalta a condição masculina e diminui a condição feminina.

No momento em que ambos estavam deitados, ele justificativa seu ato afirmando que ela também queria. A repetição do verbo consentir deixa claro que ele, numa espécie de perturbação, acredita - ou quer acreditar - que não estava fazendo isso sozinho, ela também queria. Mas não fica explícito se o ato sexual sede fato foi consumado. Vendo-a entreabrir a boca, o homem afirma que ela o chama, mesmo que em silêncio, fica sentado na poltrona observando-a, fazendo comentários de exaltação à beleza, mostrando-se um homem tipicamente apaixonado.

O fotógrafo a contempla, porque tem de ser "um ato único perfeito absoluto coisa de mestre supremo que encontrou a musa definitiva quando tudo estiver exatamente como imaginei na hora certa por isso permaneço imóvel concentrado".

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(REZENDE, 2008, p. 37). Percebemos, então, a obsessão dele, não quer erros nem tentativas para que tudo ocorra perfeitamente. O homem é obcecado por Íbis desde que a viu pela primeira vez. O conto mostra ainda que ele não gostava que ela fosse simpática e falante com todas as outras pessoas, enquanto para ele, quando muito, dirigia-lhe apenas um cumprimento. Assim, depois de inúmeras tentativas de conquistá-la - e fracassar em todas - o fotógrafo, por acidente, se depara com uma receita de "apanhar pássaros com a mão" e logo pensa em adaptá-la e usá-la para raptar Íbis.

Perturbado e aflito por ela não lhe dar atenção sofre extremamente. A receita do século XVIII utilizava trigo, aguardente e coca-do-levante - que ele procurou desesperadamente e não encontrou. Como não encontrou o tal ingrediente, decidiu substituí-lo: "apesar dos riscos havia de ser algo raro especial e garantidamente eficaz revi minhas pesquisas e escolhi o absinto *Artemisia absinthium* proibido atraente inebriante" (REZENDE, 2008, p. 40). Como podemos constatar, a obsessão do fotógrafo pela modelo ultrapassou todos os limites, a tal substância podia fazer mal, mas ainda assim, ele não deixou de fazer a receita. E fez. Até o modo como ele caracteriza a substância soa erótico, era o desejo que falava por ele. Contrabandeou o absinto e pagou a alguém

para fazer os finos bombons nos quais, depois de prontos, injetou a preciosa substância e espalhou pelos lugares que sabia que ela passaria.

Mas antes de realizar seu plano, provou três bombons, teve a sensação inebriante prometida e comprovou que daria certo. "Estava escrito nas estrelas", ele afirmava novamente - a expressão já fora utilizada antes quando ele encontrou o livro com a receita secular. O homem relembra numa espécie de fixação louca como conseguiu pôr em prática o seu plano. Ele narra, como se estivesse cantando em tons altos e baixos a sua certeza. Ainda diante dela, espera pelo momento certo.

No momento de contemplação em que o homem afirma que ela pertence a ele é o momento em que ergue uma arma e aponta-a para Íbis, que "apenas estremece e volta logo à posição de repouso e abandono perfeição perfeição!". É importante observar que o fotógrafo passa a noite e toda a madrugada olhando o corpo entorpecido de Íbis, esperando que os primeiros raios de sol adentrassem na cena e permitisse a ele uma imagem digna de uma bela foto, que perpetuasse o instante de um amor, ainda que para nós, um amor louco. É interessante perceber que apenas nesse instante da narrativa a pontuação é colocada, para



demarcar o momento de extrema felicidade dele ao matá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura desse conto, acabamos sendo induzidas a vários questionamentos, tais quais: Por que é tão difícil para os homens aceitarem uma rejeição das mulheres? Que necessidade é essa de se apropriar do corpo da mulher, ao ponto de lhe tirar a própria vida?

A luta das mulheres para que possam ter seus direitos respeitados vem ultrapassando séculos, e mesmo após inúmeras conquistas no tocante a oportunidades de estudar, de trabalhar, de ter seu próprio salário, de prover seus lares, dentre outras, ainda se tem muito a conquistar, especialmente, o respeito perante suas decisões e opiniões.

A sociedade, principalmente a burguesia, insiste em estabelecer estereótipos para nós, mulheres. Devemos nos comportar sempre muito bem, ser eficientes em trabalhos domésticos, carinhosas e calmas, para que assim, possamos exercer com excelência o 'ser esposa' e a dádiva da maternidade. Enquanto aos homens, é reservado o dever de serem fortes, másculos, indivíduos de espírito livre. Enfim, são criados para serem vencedores, e não fracassar em nenhum setor de suas vidas, inclusive no amor. Sendo

assim, em alguns casos - como o demonstrado no conto - quando eles não conseguem o que querem acabam por tirar a vida de suas companheiras, seja porque não obtiveram seu objeto de desejo, a mulher, ou porque não suportam a ideia de vê-la ao lado de outro homem.

Desta forma, essa necessidade de impor controle sobre as atitudes das mulheres, e de se apropriar do corpo delas, vem sendo encorajada há muito tempo, com a ideia de que uma mulher de verdade tem de se "guardar" para o marido, evitando, sobre todas as circunstâncias, ser desvirginada ou assim, se tornaria uma vergonha para a família e para todos aqueles que encontram-se em seu convívio. Além disso, o marido teria plenos direitos sobre a sua mulher, já que cabia a ele administrar seu grupo familiar.

Diante de tudo que foi mencionado, percebemos ainda, que o corpo feminino pode ser desvelado, desejado, mas jamais deve ser percebido e utilizado como um objeto de satisfação. Todavia, as mulheres precisam continuar lutando para romper com as normas impostas pela sociedade, a começar, deixando de se esforçar para atender a padrões, sejam eles quais forem, de comportamento, sociais ou de beleza.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução: Christina Baum. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. *O doce*

veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950). Campina Grande: EDUFPG, 2008.

REZENDE, Maria Valéria. *Modo de apanhar pássaros à mão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

